



Editorial

Elias Wolff

A Igreja é uma realidade misteriosa, em sua origem, sua natureza, sua missão. E o mistério da Igreja não é compreendido em sua plenitude e de modo definitivo enquanto somos peregrinos na fé. Contudo, as experiências eclesiais que cada cristão faz lhe dá a consciência que a sua Igreja é uma legítima realização da Igreja de Cristo. A realidade misteriosa da Igreja assume diferentes formas de concretização na história do cristianismo.

Tal fato configura o pluralismo eclesial atual e expressa, de um lado, possibilidades positivas para a compreensão da Igreja. Mas, de outro lado, manifesta tensões e conflitos na fé cristã. A compreensão da fé sustenta a vivência eclesial, e se há compreensões divergentes do Evangelho, daí brotam divergências também entre as igrejas. É um grande desafio fazer com que essas divergências sejam trabalhadas por um diálogo que alcance consensos eclesiológicos. Para isso é importante compreender que a uma consciência eclesial, por mais legítima e coerente que seja com a fé nos evangelhos, possui uma lacuna de sentido que só será suprida se incluir experiências do Evangelho vividas em outros contextos eclesiais. Enquanto tal não acontecer, as eclesiologias propostas estarão sempre limitadas. E estaremos sempre distantes de obter uma compreensão da Igreja com plausibilidade de ser assumida por todas as pessoas que crêem no único Evangelho de Cristo.

Este número da revista *Caminhos de Diálogo* oferece subsídios para o desenvolvimento de uma eclesiologia dialógica, inclusiva, ecumênica. É preciso buscar formas de viver na igreja que congregue todas as discípulas e os discípulos de Cristo. Elias Wolff propõe *Caminhos para uma eclesiologia ecumênica*, mostrando como as questões eclesiológicas são contempladas no diálogo ecumênico atual, e propondo o ecumenismo como “paradigma eclesiológico para os nossos tempos”. Raquel de Fátima Colet reflete sobre o percurso a ser percorrido *Da laudato à communio*, explicitando *interpelações da ecologia integral para a eclesiologia ecumênica*. Entende que “o conceito de ecologia integral favorece essa abordagem, permitindo um olhar sobre a casa comum que transcenda o dado socioambiental e a responsabilidade histórica da comunidade cristã”. Na perspectiva da *communio*, a ecologia integral mostra “a dimensão unitiva do evangelho da criação e interpela as igrejas à superação de suas posturas exclusivistas em vista de um testemunho urgente e coerente da Igreja de Cristo”. Stefano Raschiatti retoma a

discussão sobre o axioma “*Extra Ecclesiam nulla salus*”: *história e atualidade de uma axioma* mostrando que é possível superar a sua interpretação exclusivista e eclesiocêntrica desenvolvida na história, para buscar sua interpretação original na patrística. Afirma “a necessidade da mediação da Igreja para a salvação” mas sem o exclusivismo normalmente afirmado, entendendo que “podemos descobrir outra relevância, atual e profética” desse princípio eclesiológico. Mas nem todas as comunidades cristãs estão dispostas a reverem a hermenêutica de tal axioma. É o que vemos no artigo de Kevin Willian Kossar Furtado, ao mostrar *n’O surgimento interconfessional do movimento milerita e dos adventistas do sétimo dia*. A Igreja Adventista do Sétimo Dia sempre se entendeu “a portadora de uma mensagem e verdade exclusiva”. Isso está na consciência eclesial da Igreja Adventista “enquanto fruto e continuadora da Reforma Protestante e o surgimento interconfessional do movimento milerita e dos adventistas”. Mas é importante verificar se em nossos tempos tal postura não pode ser superada, verificando elementos que contribuem para, no meio adventista, integrar o adventismo nos caminhos do diálogo ecumênico. Raquel de Fátima Colet e Rodrigo de Andrade abordam o tema *Liberdade religiosa e laicidade do Estado no debate e nas práticas da Pastoral da Juventude e da Rede Ecumênica da Juventude*. Mostram como posturas religiosas incidem no cenário político brasileiro, com “o risco de fundamentalismos que desconsideram a liberdade religiosa e a laicidade do Estado como base legal para o mesmo”. Em contrapartida, apresentam caminhos para que os diferentes credos e espiritualidades favoreçam para o Estado democrático e laico. Contribuição importante para isso vem da Pastoral da Juventude e da Rede Ecumênica da Juventude, que atuam nas esferas socioculturais, políticas e religiosas “pautadas por princípios de superação das intolerâncias e defesa de direitos constitucionais”. No mesmo caminho segue, em forma testemunhal, a reflexão de Marcelo Saad, Mário Peres, José Bizon, Lia Disk e Paulo Celso Nogueira Fontão, apresentando a *Coalização Inter-Fé em Saúde e Espiritualidade: uma experiência de diálogo inter-religioso em saúde* que desde 2015 constrói um ambiente de diálogo ecumênico e inter-religioso com a meta de estabelecer um modelo de apoio espiritual, nos moldes da capelania hospitalar.

Portanto, doutrinas, espiritualidades, liturgias, costumes, estruturas, configuram a compreensão da Igreja e a vivência do Evangelho no mundo cristão. Mas a hermenêutica e vivência desses elementos não precisa ser de forma exclusiva e excludente. Eles podem favorecer o diálogo intracristão, com as religiões e com sociedade como um todo. Para isso, urge buscar caminhos de convergências e consensos acerca da fé cristã, a qual não será vivida em perfeição enquanto for causa ou expressão de divisão e de conflitos religiosos e socioculturais. Esses caminhos precisam ser percorridos em duas principais direções: no interior de cada tradição eclesial, buscando a estabilidade da comunhão *ad intra*; e entre as diferentes tradições, reconciliando os elementos que implicam em contradição e distanciamento umas das outras. Por essa segunda direção, percebe-se que a questão sobre a legitimidade da expressão da fé numa determinada Igreja tem implicações para o conjunto dos cristãos e é, por isso, uma

Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

questão eminentemente ecumênica. Portanto, urge o desenvolvimento da consciência ecumênica do ser e agir da Igreja. Afinal, no fim de tudo, há uma só fidelidade a ser vivida: em Jesus Cristo e seu Evangelho do Reino, que nos faz “irmãos no Senhor” (1Cor 9,5) e corresponsáveis no cuidado da obra de Deus no mundo. ✠